



CHARGE DA SEMANA



André Pomponet

Populismo é a expressão que estigmatiza hoje no Brasil

André Pomponet - 18 de janeiro de 2018 | 20h 52

Os termos das eleições presidenciais de 2018 já estão colocados desde meados do ano passado. Faltam nomes consistentes, falta diálogo, falta unidade, mas o *script* já foi desenhado pelo mercado financeiro – o “deus mercado” dessa era de desenfreada exaltação do vil metal – e reverbera através dos meios de comunicação a partir das vozes da elite política do País. Resta saber se os eleitores – o brasileiro sofrido que padece desempregado, subempregado, se virando no biscoito, às voltas com o aumento do gás, da energia elétrica, dos alimentos – vai se enredar no embuste, elegendo o candidato “de centro”.

O *script* aponta que existem dois extremistas no pleito: Lula, representando o petê e, supostamente, a esquerda, e Jair Bolsonaro, o capitão reformado do Exército com longa e inexpressiva trajetória parlamentar, encarnando a direita “linha-dura”. A “sabedoria” e a “sensatez” cunhadas para a corrida presidencial indicam que é necessário evitar esses extremos ideológicos.

Como se Lula, no longo interregno presidencial petista, encarnasse a esquerda e Jair Bolsonaro tivesse alguma intenção – por mais distante que fosse – de ferir os interesses do *establishment* aí solidamente enraizado. A narrativa eleitoral, porém, precisa de “ameaças” que justifiquem a ascensão de um nome mais palatável, que noutras circunstâncias jamais venceria a eleição. Assim, Lula e Bolsonaro exibirão os rótulos de “radicais” e “extremistas”.

Mas a pérola do pensamento liberal nesses tempos é o rótulo de “populista”. Obviamente foi cunhado lá fora e serve tanto para definir a extrema-direita xenófoba no Leste da Europa como o presidente boliviano – e indígena – Evo Morales, bem como a família Kirchner na Argentina ou o truculento Donald Trump nos Estados Unidos. No Brasil, por enquanto, apenas Lula e Bolsonaro foram embalados com o rótulo.

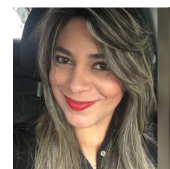
O termo é tão amplo que, objetivamente, não define nada. Mas estigmatiza e, sobretudo, amedronta parte do eleitorado, aquela mais suscetível às sugestões do noticiário e das sentenças do “deus mercado”. Privatização desenfreada, desregulamentação dos mercados, precarização das relações de trabalho e terceirização estão entre os itens que integram a agenda do mercado. É o que existe de salutar na sociedade e constitui o contraveneno ao “populismo”.

Desde a ascensão do emedebismo que essa falácia se espalha Brasil afora. Com a falácia, vieram medidas atroz, como a terceirização ampla, geral e irrestrita, a reforma trabalhista e o teto de gastos que vai comprimir investimentos em saúde, educação, assistência e previdência social pelas próximas duas décadas. Essas

COLUNISTAS

**César Oliveira****BODEGA DO LEEGOZA - 1 SEM SAIR DE CIMA****O milagre da reabertura nascente na Lagoa do S****André Pomponet****Após três anos, saldo é positivo em Feira****Flu de Feira precisa de inédita contra Santa C****Valdomiro Silva****Grandes clubes já não esmagar os menores, n campeonatos estaduais****Futebol baiano não pod de 2017, mas deve sonh**

alto ano que vem

**Emanuela Sampaio****Dr Getúlio Barbosa com idade nova****Café das 6 ganha nova**

AS MAIS LIDAS HOJE



1 Datafolha: Inelegibilidade de Lula divid 51% são a favor e 47% contra

medidas foram exaltadas como “de centro” e se contrapõem ao “populismo” irresponsável. É o que está nas manchetes dos jornais todos os dias.

Supõe-se que, ao longo da corrida eleitoral, o nome “de centro” – Geraldo Alckmin (PSDB-SP), Rodrigo Maia (DEM-RJ) e Henrique Meirelles (PSD-GO) disputam essa unção – vai se firmar e agadanhando amplas simpatias dos brasileiros, credenciando para tocar essa agenda a partir de 2019. Ironicamente, o povão – alvejado pela redução no Bolsa Família, pelo desemprego, pela elevação das tarifas públicas, pela violência, pela educação sofrível e pela saúde precária – ficará com a função de honrar com seu voto um desses três patriotas.

O *script* preliminar das eleições presidenciais sinaliza para isso. Resta saber se o povo, castigado pela crise interminável, vai aderir, ingenuamente, àquilo que se repisa dia e noite no noticiário. Mas, caso não o faça, há outros caminhos: respeitados liberais de países ricos – aqui no Brasil, no máximo, se tenta macaquear essa gente – já andam questionando os excessos da população e esse papo de democracia representativa, de direitos, de pobre querer ser gente.

Ninguém duvide que o Brasil se torne um dos primeiros laboratórios dessas novas ideias que restringem a participação popular no processo político. Afinal, o País ostenta uma recente experiência de virada de mesa...

LEIA TAMBÉM

André Pomponet

Após três anos, saldo de empregos é positivo em Feira

Flu de Feira precisa de vitória inédita contra Santa Cruz

A influência da biometria sobre as eleições em Feira

2 Após três anos, saldo de empregos é positivo em Feira

3 Organizações pedem adesão brasileira à defesa dos direitos das crianças

4 Adolescente e filha de 4 anos são envenenados em Feira: ex-companheiro da garota é suspeito de crime

5 Mais de 50 macacos são achados mortos em Salvador em janeiro: instituto apura suspeita de febre amarela



[INÍCIO](#) [O TRIBUNA](#) [ANUNCIE AQUI](#) [EDIÇÃO IMPRESSA](#) [VOCÊ NO TRIBUNA](#) [FALE CONOSCO](#)

redacao@tribunafeirense.com.br

75 3225 7500
Av senhor dos passos, 407 - Sala 5, centro, Feira de Santana-BA

/Jornal Tribuna Feirense
[@tribunafeirense](#)

Tribuna Feirense © 2018. Todos os direitos reservados

